

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Jean Pierre Corseuil

**Uma estratégia pedagógica:  
o desenho à serviço da educação ambiental**

Porto Alegre  
1.Semestre  
2010

Jean Pierre Corseuil

**Uma estratégia pedagógica:  
o desenho à serviço da educação ambiental**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Comissão de graduação do curso de Pedagogia – licenciatura – da faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de licenciado em Pedagogia

Orientador: Paulo Peixoto

Porto Alegre

1. Semestre

2010

## Agradecimentos:

Sem a presença daqueles que fazem parte dessa delimitação de espaço a qual eu chamo de vida, este trabalho com certeza não seria possível da forma agradável e espontânea que foi. Entre os agradecimentos especiais, daqueles que fazem palavras a mais serem escritas, que fazem folhas a mais serem impressas, mas que no fim fazem também tudo valer a pena, não poderia deixar de mencionar nominalmente: a família toda, não só os pais, Heloisa e Rogert, mas também os irmãos mais próximos, Lê, Joca, Gordo e Lú; os amigos que viveram de perto tudo que me trouxe até este momento, André-pêssego-em-caldas, Alexconha, Alexandra, Çuelly, Diegão razão, Erik, Edegarzinho, Gustavo Jornaleção, Diri, Hamilton cabeção, Jorge, Luna Clara, Mufão panqueca, Paulo Roberto Infeliz, Warner e Thomé Gretchen (espero não ter esquecido ninguém...); os amigos que conheci na faculdade, mas que levo para a vida adiante, Ângela, Carol, Cris, Gisele, Luiz, Marcos Marcones, Maicon Dozza, Mery e Rose; os professores que me fizeram chegar até a formatura, Annamaria Rangel, Carlos Skliar, Gabriel Junqueira, Maria da Graça Bulhões, Nestor Kaercher, Paulo Peixoto; a equipe de educação ambiental do DMAE, principalmente Gustavo Tigre e Nathalia Mathias; e por fim, a toda equipe do CAEF (centro de artes e educação física da UFRGS), que me permitiu viver a educação e a arte sob um único caminho pela primeira vez.

"Tudo é um entre um milhão de caminhos (*um camino entre cantidades de caminos*). Portanto, você deve sempre manter em mente que um caminho não é mais do que um caminho; se achar que não deve segui-lo, não deve permanecer nele, sob nenhuma circunstância. Para ter uma clareza dessas, é preciso levar uma vida disciplinada. Só então você saberá que qualquer caminho não passa de um caminho, e não há afronta, para si nem para os outros, em largá-lo se é isso o que seu coração lhe manda fazer. Mas sua decisão de continuar no caminho ou largá-lo deve ser isenta de medo e ambição. Eu lhe aviso. Olhe bem para cada caminho, e com propósito. Experimente-o tantas vezes quanto achar necessário. Depois, pergunte-se, e só a si, uma coisa. Essa pergunta é uma que só os muitos velhos fazem. [...] Dir-lhe-ei qual é: esse caminho tem coração? Todos os caminhos são os mesmos: não conduzem a lugar algum. São caminhos que atravessam o mato, ou que entram no mato. Em minha vida posso dizer que já passei por caminhos compridos, compridos, mas não estou em lugar algum. [...] Esse caminho tem um coração? Se tiver, o caminho é bom; se não tiver, não presta. Ambos os caminhos não conduzem a parte alguma; mas um tem coração e o outro não. Um torna a viagem alegre; enquanto você o seguir, será um com ele. O outro o fará maldizer sua vida. Um o torna forte, o outro o enfraquece. (CASTAÑEDA, a erva do diabo, p.104)

**Resumo:**

A partir das vivências acumuladas ao longo da vida como artista, aliadas à experiência de estágio com monitoria na equipe de educação ambiental do DMAE (departamento municipal de água e esgoto da cidade de Porto Alegre), este trabalho pretende aproveitar as duas experiências para criar um único objeto: uma obra literário-didática ilustrada sobre os temas que pautavam as oficinas para crianças durante o período que trabalhei no DMAE (2006 até 2008). A obra intitula-se *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* e foi criada para ser explorada com crianças de até 10 anos e para servir como auxílio para o professor tratar os cuidados com a água e com o lixo de forma lúdica. O referencial que embasa o trabalho da equipe de educação ambiental do DMAE - e que, portanto, também embasa esta obra - é fundamentalmente o *Atlas Ambiental de Porto Alegre* (MENEGAT, 2006). Para compor este trabalho de conclusão, contei ainda com o apoio de Edith Derdyk (DERDYK, 1989) e Isabel Carvalho (2006), que justificam o alcance do desenho e da formação do sujeito ecológico, respectivamente.

Palavras-Chave: Desenho. Educação Ambiental. Material Pedagógico.

**Sumário:**

<b>1- APRESENTAÇÃO: O CAMINHO ATÉ AQUI.....</b>	<b>7</b>
<b>2- O DESENHO.....</b>	<b>11</b>
<b>3- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>18</b>
<b>4- UMA PROPOSTA ILUSTRADA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1- OBJETIVOS.....</b>	<b>23</b>
<b>4.2- ALAN BARI E OS CUIDADOS COM O LIXO.....</b>	<b>23</b>
<b>5- CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>6- REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1- APRESENTAÇÃO: O CAMINHO ATÉ AQUI

Existem muitas expectativas que cercam o trabalho de conclusão de um curso, qualquer curso que seja: as expectativas dos professores, das instituições, como a faculdade, a família... Mas, acima de tudo, são as expectativas do próprio aluno que, além de estar fechando um ciclo, precisa reunir o conhecimento acumulado durante todo o caminho para formalizar o seu trabalho de conclusão; trabalho este que, como o próprio nome já diz, é onde devemos expor e argumentar sobre algumas das conclusões construídas ou desconstruídas ao longo do curso. E é exatamente aqui onde me sinto obrigado a abrir parênteses para explicar não apenas o que me trouxe até aqui, o fim do curso, mas também para explicar o que me fez chegar ao próprio curso de pedagogia. Um pequeno histórico das minhas expectativas dentro deste curso.

Desde os tempos de jardim de infância, sempre fui um aluno muito tímido, característica que levei durante minha trajetória escolar até a faculdade. De forma que foi uma surpresa para todos (inclusive para mim mesmo) quando decidi fazer pedagogia ao invés de artes ou publicidade, áreas consideradas mais naturais a quem, como eu, sempre gostou muito de desenhar. E era realmente estranho pensar que, após anos freqüentando a sala de aula como um aluno que sempre fugiu de qualquer possibilidade de se expor, que sempre preferiu se refugiar na solitude dos papéis e das canetas, eu ia agora entrar para uma faculdade cujo objetivo era justamente me colocar no centro das atenções, como professor. A verdade é que me vejo como desenhista desde que me conheço por gente, de forma que sempre que precisei pensar em como ganhar a vida, nunca cogitei outra coisa que não fosse o desenho, mesmo quando decidi prestar vestibular para pedagogia. Ainda que na época eu não tivesse uma noção muito clara das ligações possíveis entre artes e educação, nunca duvidei que o curso de pedagogia - por tudo de humano que a educação, assim como a arte, envolve - podia me aproximar do meu caminho enquanto artista, embora na época isso fosse 'apenas' uma intuição que eu não sabia explicar. Mais para ter uma justificativa do que por convicção, eu dizia que um professor/cartunista poderia ilustrar material didático, o que, mesmo sendo verdade, não era uma hipótese que eu realmente estivesse considerando, ou, pelo menos, não era assim tão

pragmático quanto eu fazia parecer. Eu simplesmente não conseguia me ver em condições de ensinar o que quer que fosse para quem quer que fosse. Na verdade, a minha escolha por este curso veio muito mais do interesse pelo caminho como aluno do que no objetivo de me tornar professor, realmente.

Ainda no primeiro semestre, após apresentar um trabalho em quadrinhos (só para não ter que falar em público), recebi o convite para uma bolsa com a professora Annamaria Píffero Rangel, justamente para ilustrar material didático. Mesmo que na época não soubesse o que me manteria desenhista nesta faculdade, o certo era que eu contava com isso para levar o curso me expondo o mínimo até onde fosse possível, e o fato de ganhar uma bolsa para desenhar já no começo do curso parecia indicar que eu talvez conseguisse mesmo tocar a faculdade de pedagogia sem precisar dar aula. Cheguei até a fazer uma exigência quando me foi oferecida a bolsa para ilustrar material pedagógico: eu só aceitaria se não tivesse que dar aula. A minha idéia sempre foi trocar de curso quando a minha presença como professor fosse exigida em sala de aula. E de fato, passei algum tempo apenas desenhando para a professora Annamaria, até que um dia fui ajudar outras bolsistas a levar material até uma escola onde a professora realizava assessoria pedagógica para um projeto social chamado “Quero-Quero”, parceria do instituto Ayrton Senna com a UFRGS, e só sei que as coisas foram acontecendo e quando me dei conta, eu já estava com outras estagiárias no meio de uma sala de aula sendo chamado de professor por quase 30 alunos! Embora eu tenha passado mais de um mês freqüentando aquela mesma sala com o discurso de que não era professor, as expectativas que a turma depositava sobre mim com certeza não eram expectativas de colegas, eram de alunos, e mesmo que eu tenha inicialmente resistido, aos poucos fui me acostumando com aquelas dezenas de olhares depositando os mais diversos tipos de anseios sobre mim. E, para minha surpresa, isso acabou me assustando menos do que eu achava que assustaria. Tanto que nem vi passar o quase um ano que participei como monitor deste projeto.

Mas foi só em 2006, em outra oportunidade de dar aulas, quando fiz um estágio com monitoria na equipe de educação ambiental do DMAE (departamento municipal de água e esgoto de Porto Alegre), foi só então que descobri o lado prazeroso de dar aula, e só então que assumi - como professor - a responsabilidade que eu tinha sobre o tempo que dividia com os alunos. Pela

primeira vez percebi que reger os acontecimentos dentro da aula, além de não ser tão assustador quanto eu pensava, podia até ser uma coisa divertida. O exercício de ter que me expor diariamente diante dos mais variados tipos de público que atendíamos no DMAE me fez redescobrir uma força no diálogo que racionalmente eu até conseguia reconhecer, mas que na vida diária não sabia reivindicar nem fazer uso. Hoje vejo que, se eu tivesse ficado só desenhando como pretendia no início, acho que não teria aproveitado sequer metade do que este curso me ofereceu. A arte como asas ou muletas, com tudo que as muletas têm de asas e que as asas podem ter de muletas. NIETZSCHE (2002) já dizia que

(...) o fato de tornar-se aquilo que se é admite que não se tenha a mais longínqua idéia daquilo que se é. Sob esse ponto de vista também os erros da vida têm o seu significado e o seu valor, bem como as estradas mais longas e os círculos viciosos, as cogitações, as “modéstias”, a seriedade, dissipados pelas finalidades que se situam fora daquele escopo (NIETZSCHE , 2002, p.81).

A chance de viver a perspectiva do professor com a profundidade vivida no DMAE me fez perceber a passividade com que eu até então me colocava como aluno. Assim pude encarar aquilo que Paulo Freire chamou de “situações-limite” (FREIRE, 1979, p.106) - barreiras na vida pessoal e social que impedem o sujeito de exercer mais plenamente a sua liberdade. O compromisso que assumi de dar aulas me fez encarar a dificuldade para falar em público como sendo inadiável, o que me tornou disponível a resolver esta situação-limite com uma urgência até então inédita. Exercitar minha relação com o outro na amplitude e velocidade oferecida pela sala de aula ensinou a me expressar melhor e a encontrar e criar oportunidades onde antes eu só conseguia enxergar problemas. Essa tomada de uma nova atitude frente a um problema antigo me fez experimentar um crescimento que não tinha como se restringir apenas à esfera acadêmica - e, portanto, profissional -, este crescimento englobava a minha vida como um todo. E eu - que cheguei a pensar que dar aulas significaria um retrocesso na minha trajetória enquanto artista - descobri que não conseguia dividir a vida profissional e a vida pessoal com a mesma facilidade de quem tira ou coloca um uniforme. O fato de eu ter enfrentado o medo de me expor, de ter gostado de dar aulas e, conseqüentemente, de ter reconfigurado a minha forma de encarar a vida e o mundo, isso tudo só me aproximou ainda mais das minhas aspirações sempre

almeçadas com o desenho, me fez encontrar o meu caminho com a arte cada vez mais profunda e visceralmente.

E com isso, chego ao ponto nevrálgico dessa apresentação: a que tipo de conclusão pode chegar alguém que entrou neste curso mais pronto para fugir do que para encará-lo? Quais seriam as expectativas de alguém que atravessou o curso alimentando a idéia de talvez nunca terminá-lo?

Acredito que estaria sendo desonesto comigo e com tudo que esta faculdade me ofereceu se fingisse que posso responder a essas perguntas tão claramente ao ponto de chamá-las de conclusão. Seria bastante ingrato negligenciar qualquer um dos passos que fazem parte da minha caminhada anterior e exterior a este curso, a única coisa que posso tratar como conclusão aqui, neste pequeno espaço, é justamente a consciência de que tudo que eu disser falará antes sobre o meu olhar do que sobre o objeto onde esse olhar estiver pousado. Nietzsche dizia: “*Como pretenderia eu ser absolutamente justo? Como posso dar, a cada um, o seu? Seja-me suficiente isto: dou, a cada um, o meu.*” (NIETZSCHE, 2000, p.97). Seria ainda mais difícil do que já é ter que pensar em qualquer coisa parecida com uma conclusão dentro deste trabalho se eu tivesse que ignorar o desenho, a linguagem que me é ainda mais materna do que o próprio idioma no qual estou empregando estas palavras. Por isso acredito que, após tantas voltas e reviravoltas no caminho, não seria incoerente terminar o curso de pedagogia da mesma forma de quando entrei: através do desenho. Desenhando como eu sempre fiz, só que agora juntando as duas experiências que me trouxeram até esta faculdade e até o fim deste curso – arte e educação ambiental, respectivamente – para apresentá-las como um único objeto: um livro literário-didático ilustrado sobre cuidados com o lixo e com a água.

Direcionada a crianças com até 10 anos de idade, a obra apresentada se chama *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* e busca traduzir em versos e desenhos algumas das escolhas que segui como professor durante as oficinas de educação ambiental, minha vivência mais profunda e prazerosa em sala de aula até agora. A presente obra não almeja ser mais do que um pretexto para discutir aqueles assuntos que considere mais importantes durante o tempo que trabalhei diretamente com as crianças no DMAE. Neste sentido, creio que essa obra possa ser entendida como uma sugestão de abordagem, embora não tenha sido criada diretamente com esse intuito.

## 2- O DESENHO

O fato de eu ser uma daquelas crianças que cresceu sem nunca deixar de desenhar não me confere nenhum tipo de autoridade para falar sobre comunicação visual, apenas comprova a disponibilidade com que sempre me coloquei em relação ao assunto. Independentemente das razões pessoais que me levaram a falar e usar o desenho neste trabalho, inúmeros outros motivos poderiam justificar essa escolha dentro de um âmbito muito mais abrangente que o das minhas experiências como desenhista. Desde as cavernas o Homem se vale das imagens para adentrar o plano das idéias e se sentir o mais em casa possível, e eu estaria sendo desonesto se dissesse que busco mais do que isso, me sentir em casa também. A leitura de imagens é tão central para a própria construção da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento e da cultura que soaria bastante pretensioso querer trazer algo novo a um assunto tão antigo. Mas de qualquer forma, esta é uma discussão que não se esgota e que sempre nos convida a retornar e parar para pensar.

No campo da educação, o potencial educativo das imagens é explorado já desde a *Didática Magna*, de Comênio, primeira obra a sistematizar a pedagogia e que é recheada de ilustrações (algumas inclusive de punho do próprio autor). A construção das palavras e todas as possibilidades que elas abrem são, num plano não muito distante, a própria história das imagens. Ou, para ser mais preciso: a história da representação do nosso olhar:

Nossa certeza mais primitiva é mesmo de ver o mundo, constatar nosso cotidiano. O ver, em geral pressupõe certa passividade e descrição (...). Já o olhar... Ah!, o olhar é diferente! Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, é direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor. Deixa sempre aflorar certa inquietação e malícia: é o ver deliberado, premeditado, intencional. Ver se dá de nós para fora. Olhar é sair de si e trazer o mundo para dentro de si. (FAZENDA, 2001, p.223)

A professora Susana Rangel (CUNHA, 2010) distingue a visão como possibilidade fisiológica dos olhos e a visualidade como construção cultural do olhar. A grande questão é identificar o que a lente cultural daquilo que chamamos de realidade nos

permite e não nos permite identificar, quais as barreiras (tais como preconceitos) as imagens ajudam a romper, a criar ou a reforçar.

A quantidade e a velocidade das informações nas sociedades modernas, graças às novas tecnologias e aos discursos midiáticos, levaram a comunicação visual a atingir uma amplitude e uma abrangência nunca antes vistas. A enxurrada de informações a que estamos expostos diariamente obriga a publicidade a buscar formas cada vez mais elaboradas de fazer sua mensagem se sobressair sobre as outras, numa autêntica guerra pela audiência (linguagem extremamente comum na TV, mas presente em quase todos os veículos midiáticos). Obviamente que a comunicação visual não é exclusividade do discurso publicitário, mas a consciência e o refinamento com que a publicidade o adota com certeza a coloca num lugar de destaque quando o assunto é explorar a capacidade comunicativa das imagens.

A tarefa da publicidade é basicamente transmitir a mensagem da empresa a qual ela está vinculada de uma forma que atraia a maior quantidade possível de receptores, sempre na intenção de torná-los consumidores daquilo que está sendo anunciado. Tudo é meticulosamente estudado para parecer atraente, cada pró e cada contra dos produtos ou serviços anunciados é longa e demoradamente estudado para esconder ou maquiar os possíveis defeitos e realçar mesmo as mais ínfimas qualidades. Só que para conseguir induzir o olhar do seu receptor a isso, a publicidade não pode deixar que seus consumidores vejam os produtos e serviços com a mesma clareza e integridade com que os publicitários o enxergam na hora de criar os anúncios. Muito pelo contrário, para conseguir desencadear as reações que planeja, a publicidade precisa que a visão sobre seus anúncios seja sempre parcial e superficial. Uma noção mais ampla dos meios e processos empregados na pesquisa, criação e execução de anúncios publicitários permite um nível de consciência que, se não serve para desvelar o mundo da propaganda, serve para ao menos defender contra alguns dos truques que a publicidade põe à disposição do mercado. É justamente esse o motivo pelo qual quem trabalha ou é próximo à publicidade não pode participar das pesquisas de mercado pagas, já que essas pesquisas são feitas para mensurar as reações inconscientes que os apelos de determinado serviço ou produto conseguem causar sobre quem os assiste. Só no Brasil, estima-se que 15% das compras em supermercados são feitas por impulso, único motivo pelo qual a publicidade dedica sua atenção às

emoções das pessoas, que não são vistas como mais do que possíveis consumidoras. Por mais que se possa disfarçar ou até eufemizar, a intenção de todo anúncio publicitário é sempre pura, simples e explicitamente vender. Se alguém investe dinheiro em publicidade, é porque espera lucrar com isso. Obviamente que existem empresas e relações financeiras de outro tipo, não focadas exclusivamente no lucro, mas mesmo assim uma regra mais geral pode ser estabelecida dentro da publicidade: quem investe em anúncios publicitários geralmente quer falar – e bem! - de si. Por isso o problema é menos a linguagem publicitária do que as intenções das empresas às quais ela está vinculada, o caráter mais financeiro do que ético das relações que unem empresa, publicidade e consumidor.

Assistimos (ao vivo ou não) a uma co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente. (...) A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída por uma teleobservação na qual o observador não tem mais contato direto com a realidade observada. Se este súbito distanciamento oferece a possibilidade de abranger as mais vastas extensões jamais percebidas (geográficas ou planetárias), ao mesmo tempo revela-se arriscado, já que a ausência da percepção imediata da realidade concreta engendra um desequilíbrio perigosos entre o sensível e o inteligível, que só pode provocar erros de interpretação. (VIRILIO apud CUNHA, 2010)

O olhar sobre todo o longo processo publicitário deveria ser encarado com o mesmo interesse que o artista tem sobre a arte de outros artistas, por exemplo. A obra de arte encarada como resultado de um processo no qual a apreciação já começa na procura por vestígios, mesmo quando a obra tenta escondê-los, assim como a publicidade faz. Não conseguir enxergar mais do que o produto final, não perceber nenhuma das riquezas de todo o processo que culmina na obra é sempre um desperdício enorme, mas a coisa seria menos complicada se fosse apenas o desperdício. O grande problema é que a falta de consciência com que as pessoas geralmente vivenciam suas experiências visuais abre espaço para que a publicidade proponha o discurso e as atitudes que, muitas vezes sendo as únicas opções, preencherão essa lacuna com sua influência. A professora Suzana Rangel (CUNHA 2010) diz que

*[...] as práticas do olhar produzidas pelas produções visuais midiáticas são de dócil adesão e não de questionamento frente ao visto. O espaço para o estranhamento é mínimo, tendo em vista as estratégias envolvidas na captura do olhar. (CUNHA, 2010)*

A maioria das pessoas considera a realidade percebida pelo olhar tão dada que se esquece o quanto dessa percepção é leitura e, portanto, sujeita às imprecisões típicas de qualquer interpretação. O pensamento fica tão exposto e sintonizado ao discurso publicitário que a vida fica parecendo um campo aberto aonde o mercado vem e semeia suas intenções à vontade. “*Já é ruim o bastante que vendamos a nossa vida desperta por um salário mínimo, mas, agora, eles ficam com seus sonhos de graça.*” (WAKING LIFE, filme, 2001).

Scott McCloud (1995), na sua ótima apreciação crítica sobre quadrinhos feita totalmente em quadrinhos -, diz que “[...] as *imagens são informações recebidas*. Ninguém precisa de educação formal pra **‘entender a mensagem’**. Ela é **instantânea** [grifos do autor].” (McCLOUD, 1995, p.45). As imagens geram um tipo de influência bem mais direta que as palavras, ao mesmo tempo em que são mais discretas nesse convencer. Se a leitura e a interpretação das imagens são mais imediatas, já a escritura e a expressão das imagens exigem tempo, elaboração e muita transpiração para que sejam bem-sucedidas, essa talvez uma das coisas mais honestas que a publicidade se proponha a fazer.

O objetivo da publicidade é simplesmente fazer vender, e por mais que concordemos que esse não é um dos objetivos mais nobres, não podemos negar que a publicidade ao menos é eficiente. Se olharmos para os investimentos em educação e os compararmos com os investimentos em publicidade, apesar do coro quase unânime sobre a importância da educação, veremos que a publicidade, mesmo sendo reconhecidamente “menos nobre”, tem recebido muitíssimo mais prioridade. E é até sintomático disso que a arte do grafite tenha enfrentado tanta resistência para ocupar os mesmos espaços que a publicidade conseguiu ocupar sem nenhum tipo de restrição. Eu não teria linhas suficientes neste trabalho para aprofundar as questões sobre como são tratadas no campo político a educação, as artes e a publicidade, mas também não quero centrar meu foco nisso. Claro que as diferenças expressas nos orçamentos destinados, só para ficar num exemplo, refletem e influem diretamente nos alcances que essas áreas conseguem ter. Mas minha crítica aqui fica voltada mais para aquilo que entendo que as áreas podem aprender uma com a outra. Enquanto a educação poderia aprender com a publicidade a planejar sua prática se valendo das artes

visuais com a mesma eficiência, a publicidade poderia pensar um pouco com a ética que inspiram os valores na educação e na arte, por exemplo.

E é aí que o desenho aparece como uma alternativa simples, barata e bastante eficiente para que a educação consiga utilizar alguns dos elementos que constituem as artes visuais e assim, quem sabe, consiga ser recebida com a mesma receptividade que a publicidade desfruta.

O desenho, bem como o sonho, pode participar de dois níveis de leitura. Podemos detectar o “conteúdo manifesto” do desenho, que seriam as imagens ali presentes no papel. Esta possível interpretação sugere ser o desenho uma atividade que, além de envolver uma operacionalidade prática, o manejo de materiais e instrumentos, pode envolver um resgate de uma simbologia complexa que existe por detrás da representação visual por meio de signos gráficos, fruto do intenso exercício mental, emocional e intelectual que o ato de desenhar promove. (DERDYK, 1989, p.54)

Nas conversas informais entre desenhistas nas reuniões da GRAFAR (grafistas associados do Rio Grande do Sul), o criador das tirinhas do Rango e ilustrador do analista de Bagé, Edgar Vasques, defendia a tese de que toda pessoa gosta e até precisa desenhar quando é criança, com a mesma naturalidade de quem aprende a falar convivendo com quem fala. Ou seja, toda criança desenha. Só que a maioria delas pára de desenhar depois de aprender a ler e a escrever, porque aí o desenho passa a ser visto sob uma ótica mais utilitarista, que não encontra mais nenhum sentido prático nisso. Na medida em que vão crescendo, as crianças vão consolidando o padrão alfabético da escrita e superando as hipóteses da fase pictórica, onde “[...] têm uma idéia de que nossa escrita [...] representa o objeto e não o som.” (RANGEL, 2008, p.15). O fato é que as crianças passam a se interessar cada vez menos pelo desenho. Por isso depois se torna tão comum as pessoas afirmarem que “*eu desenho como se tivesse 10 anos*”, justamente a idade que, em média, deixam de encontrar (ou de buscar) prazer no exercício de desenhar. Edith Derdyk (1984) já dizia que “[...] *é preciso reconhecer a autonomia e a capacidade de abrangência que o desenho tem como meio de comunicação, expressão e conhecimento.*” (DERDYK, 1984, p.29).

Em um mundo ideal, onde uma consciência mais ecológica percebe a vida e o mundo de forma integral, a linguagem visual e suas possíveis e conseqüentes pedagogias serão reconhecidamente tão importantes quanto é a linguagem

alfabética nos dias de hoje. A vergonha de quem só sabe desenhar “boneco-de-palatinhos” talvez até venha a se tornar parecida com a vergonha que as pessoas sentem por não saber escrever direito, por exemplo. Claro que não é o caso de esperar que toda pessoa saiba ou queira desenhar, é simplesmente o caso de acreditar que toda pessoa pode ler imagens com algo mais do que só opinião, ou pelo menos com um mínimo de interesse e curiosidade sinceros. O grande problema nesse caso não é o não saber desenhar, mas sim o ter medo de se expressar graficamente. Em tempos onde quase todos os celulares tiram fotos e todas as pessoas assistem TV, a capacidade informativa das imagens não deveria soar tão distante ou pesada como às vezes parece. A própria noção que se tem da arte parece que ainda carrega um peso enorme, como se fosse algo mais divino do que humano. Contribui muito para isso aquela noção de dom inato, de talento que vem do berço, o que, mesmo tentando ser um elogio, muitas vezes só consegue desmerecer a disponibilidade que o artista dedicou ao seu trabalho. Porque sem reconhecer essa disponibilidade, tudo aquilo que há de humano e de escolha no fazer de qualquer arte acaba sendo desprezado, um desperdício que é ingênua e miseravelmente enorme, ainda mais se tratando de educação.

Dentro do próprio desenho, existe uma linguagem que hoje é universalmente conhecida, justamente por causa da TV e dos desenhos animados, que é a linguagem do Cartum, um tipo de traço que, através da simplificação, chega à generalização, como mostram os quadros abaixo:



(McCLOUD, 1995, p.30 e p.31)

Se não podemos recomendar o uso da linguagem do cartum para tudo - os desenhos de biologia, mais científicos, devem ser detalhados e realistas, por exemplo -, existem casos onde ela se encaixa perfeitamente.

Simplificar personagens e imagens pode ser uma ferramenta eficaz de narrativa em qualquer meio de comunicação. Cartum não é só um jeito de desenhar, é um modo de ver. A capacidade que o cartum tem de concentrar nossa atenção numa idéia é parte importante de seu poder especial, tanto nos quadrinhos como no desenho em geral. (McCLOUD, 1995, p.31)

A economia de traços e a tentativa de dizer o máximo com o mínimo tornam o cartum uma espécie de *Haikai* dos desenhos, uma forma que valoriza a concisão e a objetividade. Neste sentido, mesmo que a base para a obra *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* tenha sido primeiramente a parte poética, escrita em versos com quadras, o cartum foi parte fundamental tanto na leitura quanto na tradução das imagens que se tornaram palavras, e vice-versa.

Ao longo do trabalho com crianças nas oficinas do DMAE, minha estratégia para a abordagem dos temas mais complexos era buscar o auxílio das imagens para tentar exemplificar tudo que eu estava dizendo. A minha intenção com a criação dessa obra é mais no sentido de tentar colocar esses conteúdos das oficinas em forma de imagens do que no sentido de colocar propriamente as imagens em forma de conteúdo. Neste sentido, as artes visuais são menos a mensagem do que a linguagem escolhida para apresentar os temas que a obra propõe.

### 3- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Uma característica marcante do meu estágio com monitoria na educação ambiental do DMAE era a rotatividade e a diversidade do público ao qual prestávamos atendimento: pessoas de qualquer idade, cor, nível social, opção sexual e nacionalidade que nos procurassem e agendassem uma visita eram atendidas pela equipe, em oficinas que duravam 1 ou 2 dias, dependendo da faixa etária. Podíamos tanto ir a um local combinado (escolas, hospitais, associações, empresas, etc.) quanto podíamos receber na própria Estação de Tratamento de água (ETA), sede da direção geral, no bairro Moinhos de Vento. No planejamento geral da equipe, a única distinção considerada - tanto nas atividades quanto no material distribuído - era a idade, simplesmente dividida em infantil ou adulta. Não é que as outras diferenças fossem desconsideradas, a forma dos monitores lidarem com essas diferenças é que não seguia nenhuma prescrição, o que acabava estimulando cada monitor da equipe a encontrar o seu próprio jeito de achar soluções durante as oficinas. Enquanto uns preferiam tentar divertir o público, se valendo do humor, outros tentavam chamar a atenção com um tom mais grave e sério; cada abordagem tinha seus limites, seus alcances e seus contextos, mas por ser uma escolha de ordem pessoal, os monitores se sentiam, dentro da postura esperada de um professor e do planejamento que havia disponível, o mais à vontade possível.

A nossa tarefa nessas oficinas era mostrar o trabalho do DMAE e falar da importância do saneamento básico para a saúde do lago Guaíba, manancial que abastece Porto Alegre de água, segundo informações fornecidas em sua maioria pelo *Atlas Ambiental* (MENEGAT, 2006) da cidade. Em um sentido mais amplo, o nosso objetivo era, assim como o objetivo da educação ambiental como um todo, denunciar a distância com que o ser humano tem se colocado diante da natureza ao longo do tempo, *"alimentando a idéia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano."* (CARVALHO, 2004, p. 36). Obviamente que quebrar essa dicotomia entre Humano X Natureza não significa esquecer ou negar a cultura herdada até aqui, mas apenas lembrar que

Tal como os outros seres vivos com quem compartilhamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a Vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o vôo dos pássaros, em outra dimensão da existência impele o vôo de nossas idéias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana (BRANDÃO apud CARVALHO, 2004, p.76).

Então não se trata de tentar enxergar o mundo sem a intermediação da cultura que nos caracteriza como humanos, mas sim de reconhecer tanto o que há de cultural na natureza quanto o que há de natural na cultura. O que a educação ambiental pretende é que todo sujeito saiba se reconhecer e se colocar como medida tanto em uma dimensão individual quanto em uma dimensão social da realidade; e que assim se colocando, saiba assumir pronta e conscientemente sua responsabilidade por estar aqui neste planeta da forma que está. Não perceber o impacto que a presença humana deixa no planeta ou tentar negar isso só consegue piorar as conseqüências desse impacto. Pierre Lévy (1993) dizia

Se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos, mais violentos que os das plantas e animais, é porque dispõe deste extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem. É também porque cristalizou uma infinidade de informações nas coisas e em suas relações, de forma que pedras, madeira, terra, construtos de fibras ou ossos, metais, retêm informações em nome dos humanos. Ao conservar e reproduzir os artefatos materiais com os quais vivemos, conservamos ao mesmo tempo os agenciamentos sociais e as representações ligados a suas formas e seus usos. A partir do momento em que uma relação é inscrita na matéria resistente de uma ferramenta, de uma arma, de um edifício ou de uma estrada, torna-se permanente. Linguagem e técnica contribuem para produzir e modular tempo. (LÉVY, 1993, p.76)

Poucas pessoas ousam negar a urgência da questão ambiental para o futuro da humanidade, minha experiência com educação ambiental ao longo desses anos me permite afirmar justamente o contrário, a grande maioria das pessoas sabe - ou pelo menos se preocupa em fingir que sabe – que a responsabilidade pela poluição no planeta é toda do ser humano, a única espécie que destrói o próprio lugar onde vive. Porém, não foram poucas as vezes em que as pessoas vieram falar comigo depois de uma oficina de educação ambiental e, de repente, no meio da conversa, simplesmente jogavam algum tipo de lixo no chão, da forma mais natural possível, sem perceber o abismo entre tudo que

estava sendo conversado e aquela atitude. A maioria das pessoas na verdade não parecia sequer intuir sobre essa incoerência. Mario Quintana (2005) já dizia: “*Não debes nunca acreditar nas respostas. As respostas são muitas, e a tua pergunta é única e indissolúvel*” (QUINTANA, 2005, p.171). Seria ingênuo querer calcular o sucesso do trabalho com educação em qualquer sentido mensurando apenas as respostas consideradas corretas.

Muitas vezes os alunos se comportam de acordo com a expectativa do professor mais para agradá-lo – e com isso obter uma gratificação afetiva imediata – do que por acreditarem nas razões daquele comportamento. De certa forma, isso pode influir na formação de atitudes, embora ainda não indique a presença de uma crença internalizada e consolidada. (CARVALHO, 2004, p. 36)

Em tempos onde a questão ambiental se tornou inadiável e muitos dos terríveis cenários que haviam sido previstos (e considerados alarmistas) se tornaram fatos, a prontidão e a abundância com que as respostas eram oferecidas poderiam indicar também que não é só a falta, mas talvez o acúmulo de informações um dos motivos para chegarmos a um ponto tão crítico da história deste planeta com tão pouca reação ou indignação ter sido mostrada. Os dados estatísticos que mostram a possibilidade nunca tão iminente de a água potável realmente acabar sempre causavam espanto nas oficinas, embora não verificássemos a mesma surpresa quando dizíamos que o ser humano e seu comportamento irresponsável estão destruindo o ar, a água e a terra do nosso planeta. Não era uma informação nova o fato de que o ser humano estava destruindo o próprio ambiente onde vive, mas era como se, após tanto tempo gerando lixo sem nenhum tipo de cuidado, pudesse ter outro tipo de consequência que não a poluição atual. Se hoje as informações circulam e se propagam em velocidades e abundâncias até então não experimentadas pela humanidade - o que é bom porque permite uma possibilidade de descentralização maior e uma visibilidade inédita à proposta ecológica, por exemplo -, por outro lado nossa capacidade de digerir essas informações de forma orgânica e integrada não evoluiu na mesma velocidade. A pessoa ouve: compre um carro e você estará ajudando a economia. Ponto. Depois ouve: andar de carro polui o planeta. Ponto de novo. No meio de outras tantas, essas duas informações não se encontram, de forma a talvez nunca resolver o conflito que inevitavelmente as duas informações relacionadas evocariam. Pierre Lévy (1993) diz que

A circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação. Quando, por exemplo, conversamos sobre o tempo com um comerciante de nosso bairro, não aprendemos absolutamente nada de novo sobre a chuva ou o sol, mas confirmamos um ao outro que mantemos boas relações, e que ao mesmo tempo nossa intimidade não ultrapassou um certo grau, já que falamos de assuntos anódinos, etc (LÉVY, 1993, p.21)

Por isso a educação ambiental às vezes parecia apenas um jogo de respostas politicamente corretas. Ou como ouvi uma vez de um aluno - da maneira mais jocosa e ao mesmo tempo mais sincera possível: falar de proteção do ambiente era 'papo de professor', aquela coisa burocrática, um assunto que, paradoxalmente, parece manjado e ao mesmo tempo distante. A função do educador ambiental difere um pouco do papel do professor da escola "comum" justamente porque centra seu trabalho na tentativa de sensibilizar para uma realidade presente, mas esquecida – a relação do Homem com a natureza. A educação ambiental não traz, a rigor, nenhum "conteúdo" novo, embora seus esforços se concentrem justamente numa mudança de perspectiva que, como toda mudança de perspectiva, muda as lentes que enxergam o mundo e, portanto, mostrem o mundo como novo. Se a educação ambiental fala tanto em "sensibilizar", é justamente porque o conhecimento envolvido não pode ser vivido apenas na esfera racional, como uma idéia distante ou elucubração meramente abstrata. Obviamente que não se trata de excluir as possibilidades do conhecimento racional, mas sim de torná-lo mais visceral e mais acessível aos outros sentidos para, aí então, compreender as informações na amplitude e complexidade que uma visão verdadeiramente ecológica do mundo exige.

Uma das imagens que eu costumava usar para ganhar a atenção do público nas oficinas era a de um copo de água com fezes dentro, isso sempre trazia a atenção das pessoas para aquilo que eu queria. Todos - sem exceção - viam aquele copo e diziam que ninguém em sã consciência beberia água de um copo assim. Mas o mesmo impacto não era percebido quando eu dizia, por exemplo, que o lago Guaíba – que pode ser entendido como o copo d'água de Porto Alegre - também tem fezes dentro. Nenhuma cara se retorcia em forma de careta do mesmo jeito de quando eu falava do copo d'água com fezes, como se não estivessemos falando da mesma água. Para as crianças, que cresceram sem um contato mais direto com o Guaíba, a distância entre a água potável que chega

até suas casas e a água explicita e reconhecidamente suja que está dentro do lago era ainda mais acentuada do que era para os adultos, já que as crianças cresceram com um contato não mais do que visual do Guaíba (e mesmo esse contato visual só mostrava um lago poluído e abandonado). As crianças inclusive riam quando eu dizia que o lago Guaíba um dia poderá ficar limpo, como se a possibilidade de vê-lo limpo fosse mais absurda do que é para uma pessoa que já tomou banho em suas águas a realidade de encontrá-lo sujo. Por isso meus esforços eram sempre no sentido de fazer o público visualizar, nem que fosse “apenas” imaginando, os tipos de cenários que a ação humana torna possíveis: um mundo preservado ou devastado. Deixando essas imagens mais explícitas, tornava-se menos difícil fazer as pessoas se darem conta de qual mundo elas preferiam viver, e a partir daí fazerem as escolhas condizentes.

A intenção da obra *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* parte desse mesmo princípio. O roteiro foi todo elaborado para ilustrar ludicamente uma situação onde o ser humano fosse mostrado como único responsável pela sujeira espalhada pelo mundo. Para isso, a história gira fundamentalmente em torno de 4 personagens: o Peixe, o Lixo, o Homem e a Menina. A relação entre o Lixo e os outros personagens rege a trama central, sem que em momento algum o Lixo seja apresentado como um inimigo ou coisa parecida, mas apenas como mais uma vítima da ação humana, assim como o peixinho e o próprio Homem.

## 4- UMA PROPOSTA ILUSTRADA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A partir da vivência como artista e como professor na educação ambiental, a proposta deste trabalho é aliar elementos de ambas as linguagens para construir uma obra literário-didática sobre os cuidados com a água e com o lixo, tendo como pano de fundo o manancial que abastece a cidade de Porto Alegre, o lago Guaíba, e tendo como referência as informações colhidas durante os 2 anos de trabalho no DMAE.

### 4.1- OBJETIVOS

#### **a) Objetivo Geral:**

- Oferecer aos professores de crianças de até 10 anos de idade uma obra ilustrada de caráter lúdico e didático sobre educação ambiental.

#### **b) Objetivos Específicos:**

- Atrair a atenção para os cuidados com a água e com o lixo de forma poético-ilustrada;

- Oferecer informações de forma lúdica;

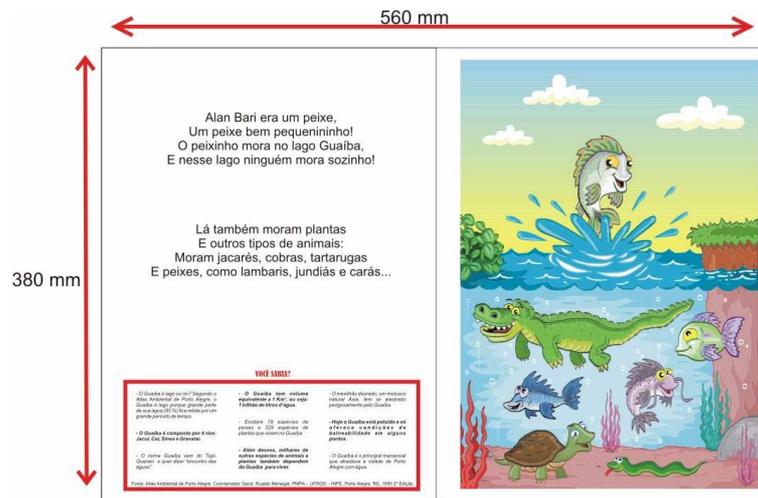
- Aproximar os porto-alegrenses de um dos símbolos da sua cidade, o lago Guaíba;

- Apresentar a poluição como consequência da ação do Homem, o único responsável pelo Lixo.

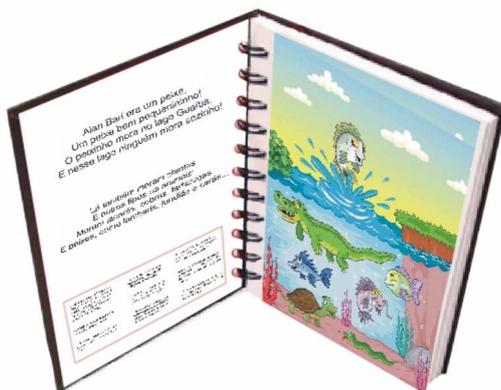
### 4.2- ALAN BARI E OS CUIDADOS COM O LIXO

A obra *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* foi elaborada para ter 24 páginas coloridas, divididas em 12 folhas em papel *couché*, com tamanho de 38 cm de altura X 28 cm de largura, para garantir maior impacto visual e manuseio facilitado.

A divisão do livro é feita em páginas com texto e páginas com imagens, intercalando-as de forma que o professor possa ler a história enquanto os alunos vêem as ilustrações, conforme mostra a figura 1, abaixo.



(Figura 1)



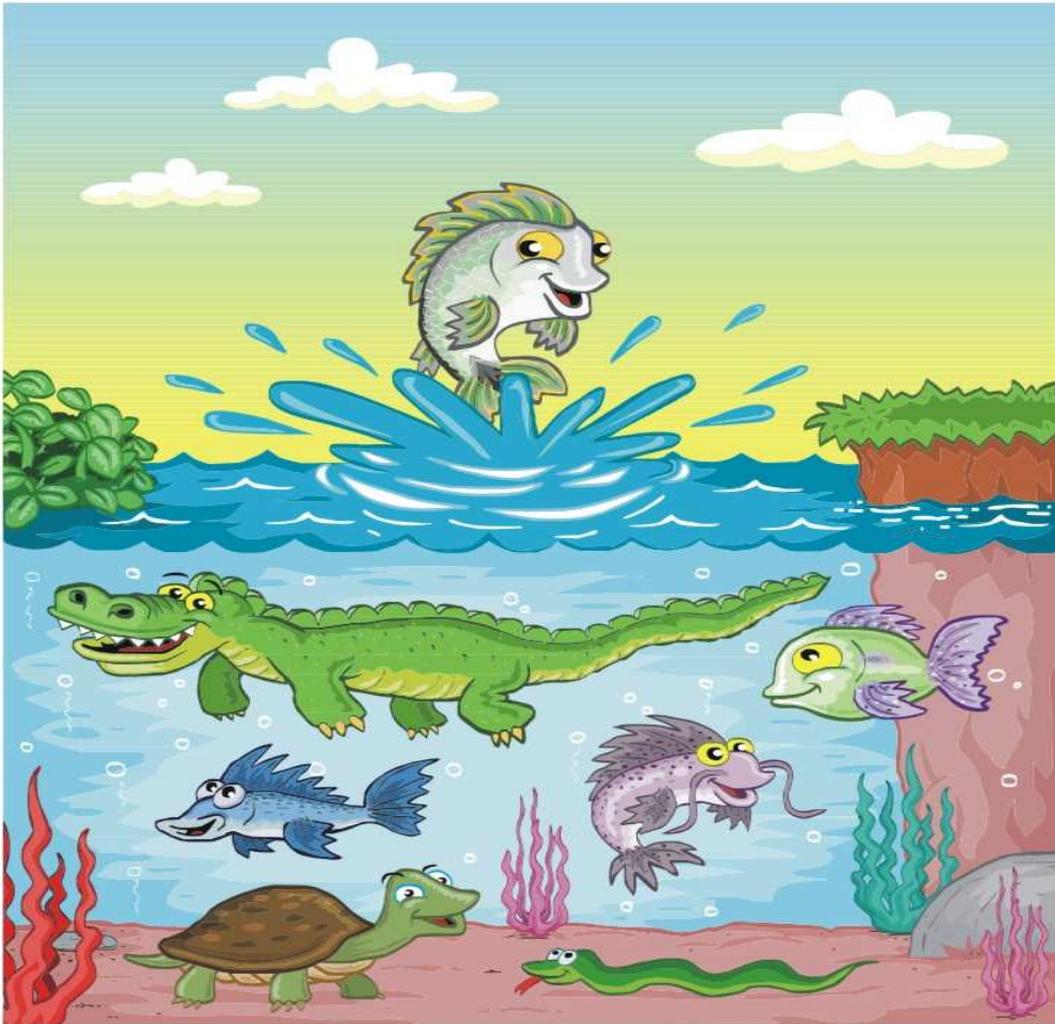
(Figura 2)

O uso de espiral garante que as páginas não precisem ser dobradas e assim não danifiquem o livro, conforme pode ser visto na figura 2, ao lado.

Em razão das normas que regem este trabalho de conclusão, a obra *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* será apresentada em outro formato que não o de publicação, para que assim cada parte caiba em apenas uma página, não comprometendo a leitura e o entendimento integral da obra.

Alan Bari é um peixe,  
Um peixe bem pequenininho!  
O peixinho mora no lago Guaíba,  
E nesse lago ninguém mora sozinho!

Lá também moram plantas  
E outros tipos de animais:  
Moram jacarés, cobras, tartarugas  
E peixes, como lambaris, jundiás e carás...



#### VOCÊ SABIA?

- O Guaíba é lago ou rio? Segundo o Atlas Ambiental de Porto Alegre, o Guaíba é lago porque grande parte de sua água (85 %) fica retida por um grande período de tempo.

- O Guaíba é composto por 4 rios: Jacuí, Cai, Sinos e Gravataí.

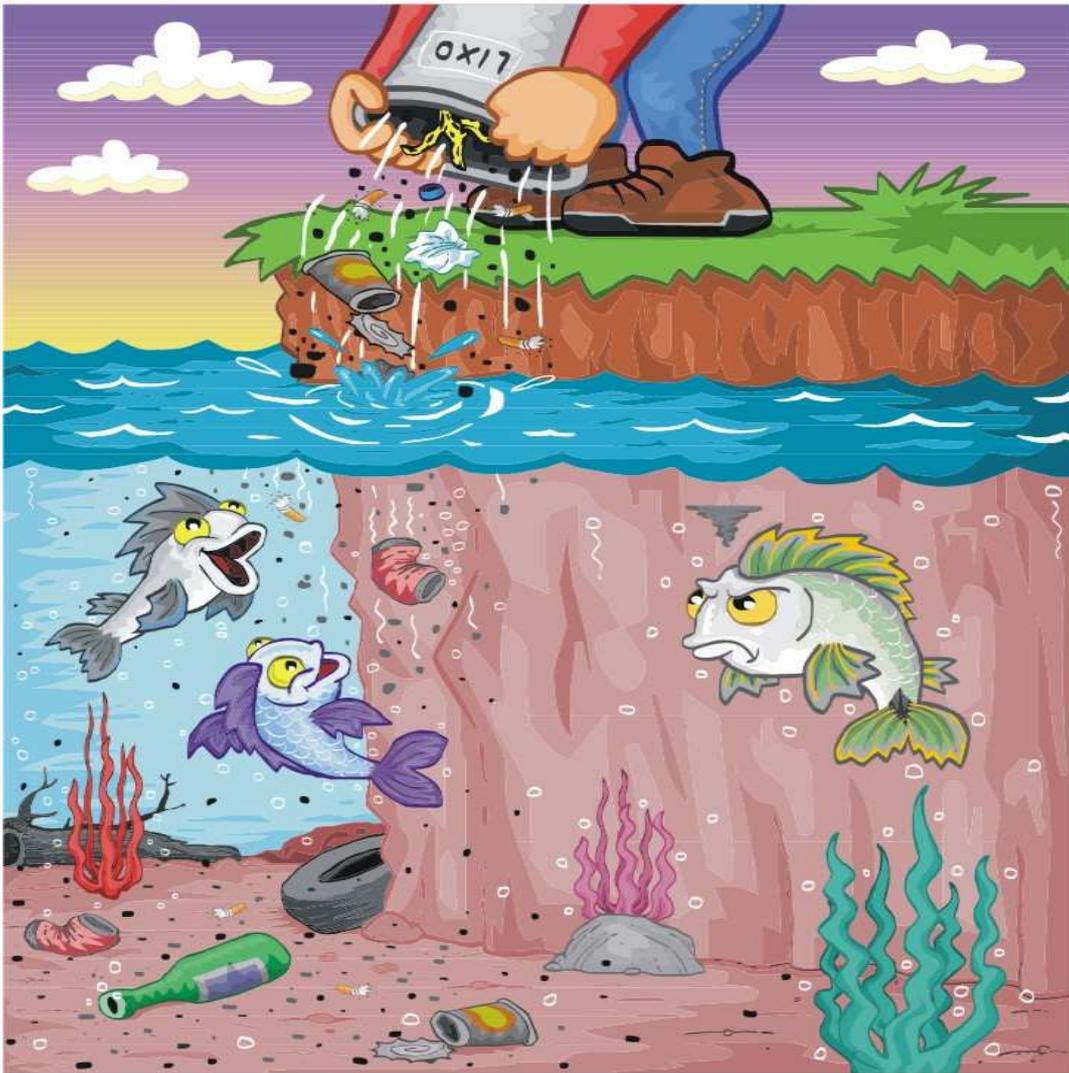
- O nome Guaíba vem do Tupi-Guarani e quer dizer "encontro das águas".

- O Guaíba tem volume equivalente a 1 Km<sup>3</sup>, ou seja: 1 trilhão de litros d'água.

- Existem 78 espécies de peixes e 329 espécies de plantas que vivem no Guaíba, além de milhares de outros animais e plantas que dependem de suas águas para viver.

Até que um dia veio o Homem,  
Um tipo diferente de bicho,  
Que costumava jogar dentro do lago  
Tudo que ele fazia de lixo!

No lugar errado, o lixo já é perigoso,  
Só que lixo na água tem mais perigo ainda!  
Imagina: tinha um monte de peixe no lago  
Confundindo aquela sujeira com comida!



#### **VOCÊ SABIA?**

**- O lixo não faz parte da natureza, porque na natureza nada se perde, tudo se transforma.**

**- Quem inventou o lixo foi o Homem. Se o ser humano não existisse, o lixo também não existiria.**

**- Todo ano mais de 100 mil animais morrem no mundo por causa do lixo que é jogado na água!**

**- A culpa é de quem: do lixo ou do Homem que colocou o lixo na água?**

Mas o lixo também não queria morar ali:  
O lago não era sua casa, era uma prisão!  
Na água, o lixo não era mais lixo,  
Lá ele era conhecido como poluição.

Por isso, ao invés de sentir raiva,  
O peixinho sentiu pena...  
Só que o lixo ficar morando no lago  
Continuava sendo um problema!



#### VOCÊ SABIA?

- **Esgoto pluvial** é o nome dado à água da chuva que é recolhida através dos bueiros e bocas-de-lobo.

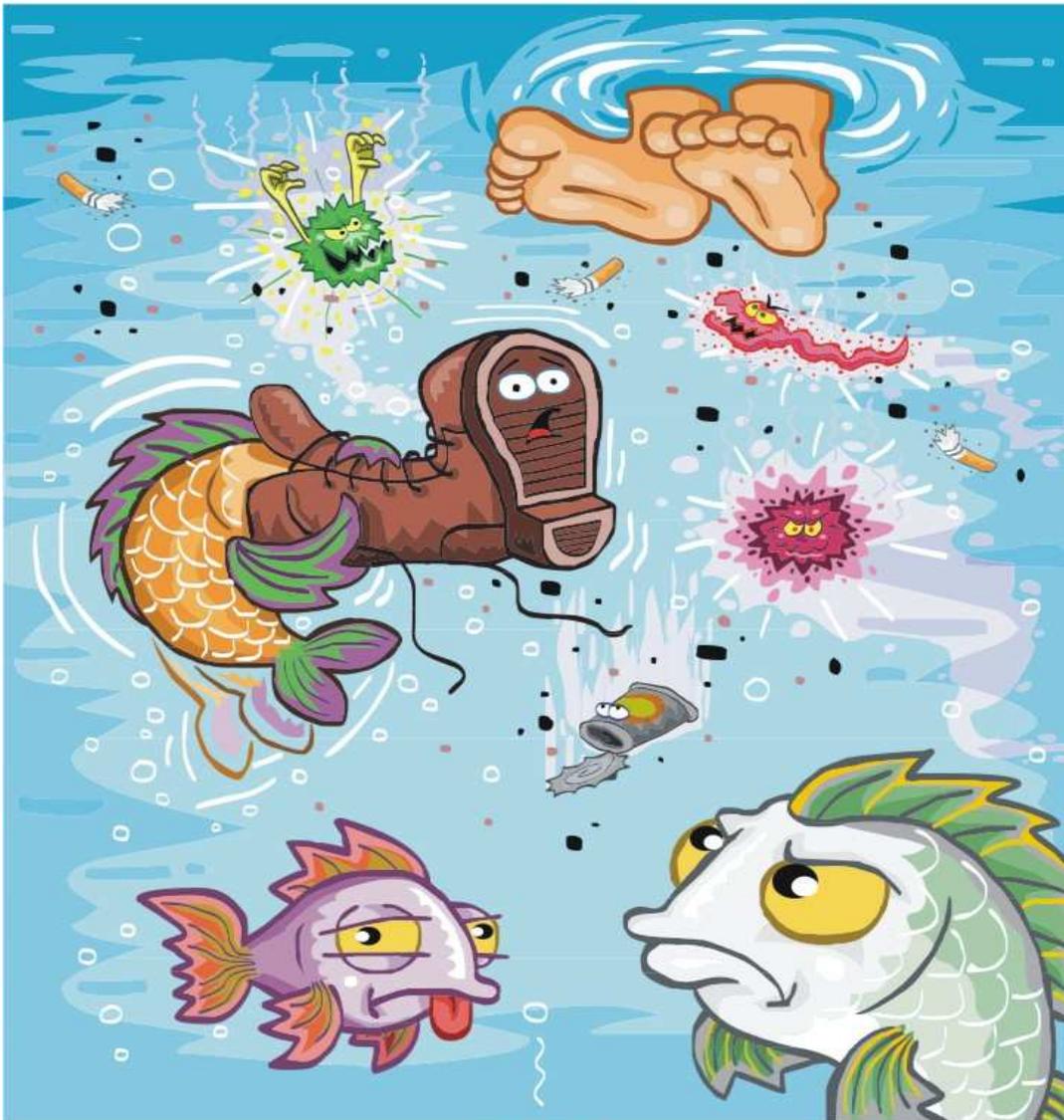
- **Todo esgoto pluvial** é despejado nos arroios de Porto Alegre, seguindo de lá para o Guaíba.

- **A água da chuva arrasta para dentro do Guaíba todo lixo que é jogado no chão.**

- **Porto Alegre diariamente gera 1.600 toneladas de lixo. É o peso de mais de 500 elefantes por dia!**

A casa do peixinho fica suja,  
O lixo se sente maltratado...  
Até o Homem que fez tudo isso  
Acaba sendo prejudicado!

Ficou tão brabo com isso,  
Mas tão brabo, o peixinho Alan Bari...  
Com tanta coisa pra se fazer com o lixo,  
Por que tinham que pôr logo ali?



**VOCÊ SABIA?**

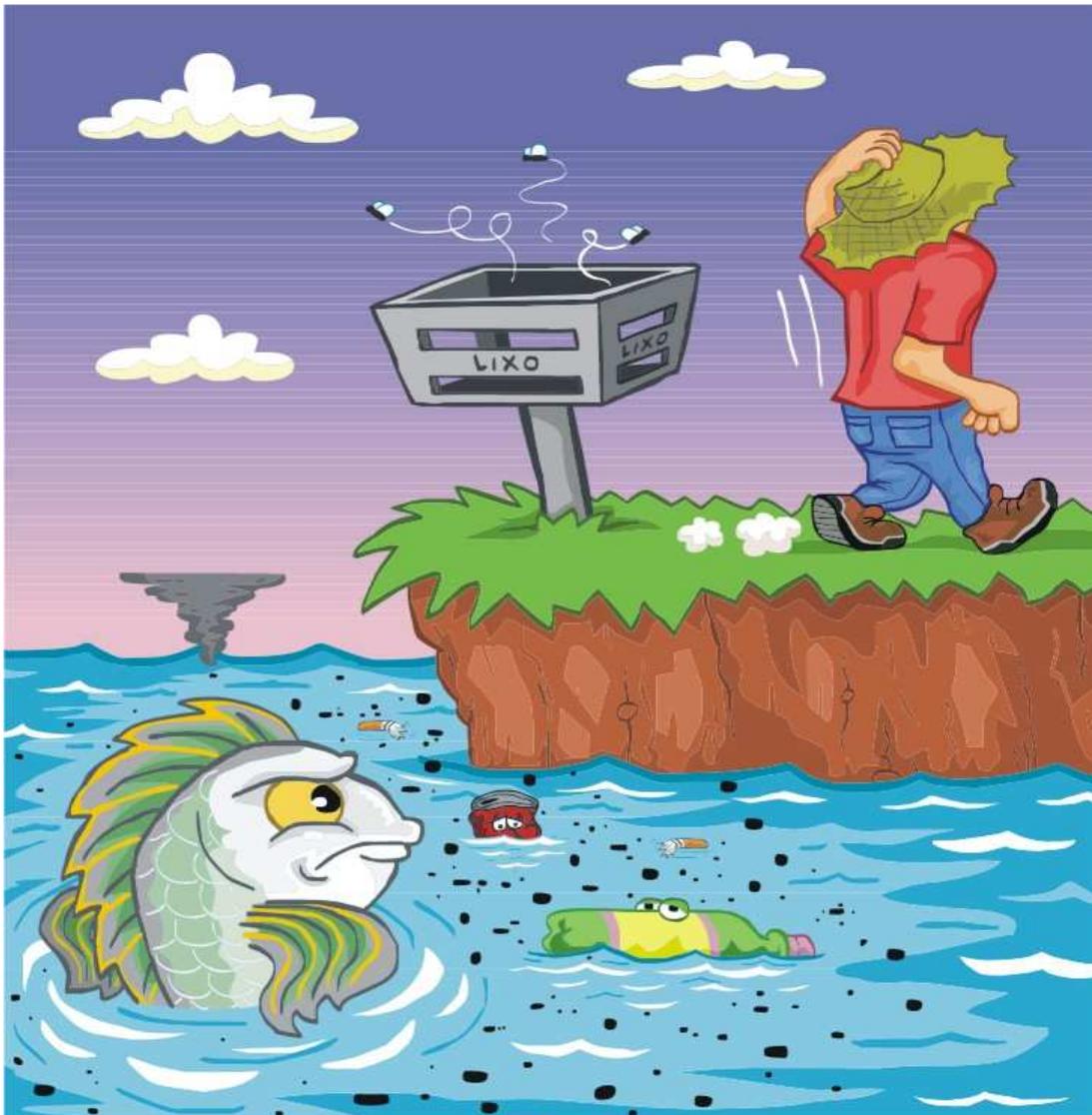
- A água suja pode transmitir inúmeras doenças, como diarreia infecciosa, cólera, leptospirose, hepatite, esquistossomose, etc.

- Mais de 10 milhões de pessoas morrem no mundo todo ano por beber água contaminada!

- Saneamento básico e água potável poderiam reduzir em até 75 % este índice!

Se foi o Homem quem jogou  
Todo esse lixo pra dentro do lago,  
Então ele vai ter que achar agora  
Uma forma de reparar o estrago!

É só colocar o lixo num lugar  
Onde não haja perigo  
Que ao invés de ser um problema  
O lixo pode até ser um amigo!



**VOCÊ SABIA?**

- Os resíduos mais antigos que o Homem deixou (ossos, restos de cerâmica e fezes) foram encontrados na África e têm mais de 140 mil anos!

- O primeiro lixão municipal foi criado há pouco mais de 2 mil anos, em Atenas, na Grécia.

- A invenção da lata de lixo só foi ocorrer há pouco mais do que 200 anos!

Aí o peixinho pediu para a garrafa boiando  
Ir até o Homem levar o seu recado:  
“ Se ainda quer beber água deste lago,  
É melhor começar a ter cuidado...”

“Você já pensou como é que seria  
Se mais nenhuma água limpa existisse?  
E não acha que sujar a mesma água  
Que você vai beber é muita burrice?”



**VOCÊ SABIA?**

- 70 %  
Do nosso  
planeta é  
coberto de  
água.

- Mas apenas 2,5%  
dessa água é doce  
e somente 1 % dela  
está disponível para  
o Homem.

- Se toda água do mundo  
coubesse em uma garrafa  
PET 2 litros, a quantidade de  
água que o Homem poderia  
beber seria de apenas uma  
tampinha!

A garrafa com o recado  
Ficou boiando por muito tempo  
Até que alguém a visse ali misturada  
Em todo o lixo que o lago tinha dentro...

Foi uma menina que estava ali vendo  
A sujeira medir espaço com os aguapés  
Que encontrou o recado do peixinho  
Quando a garrafa bateu nos seus pés.



#### **VOCE SABIA?**

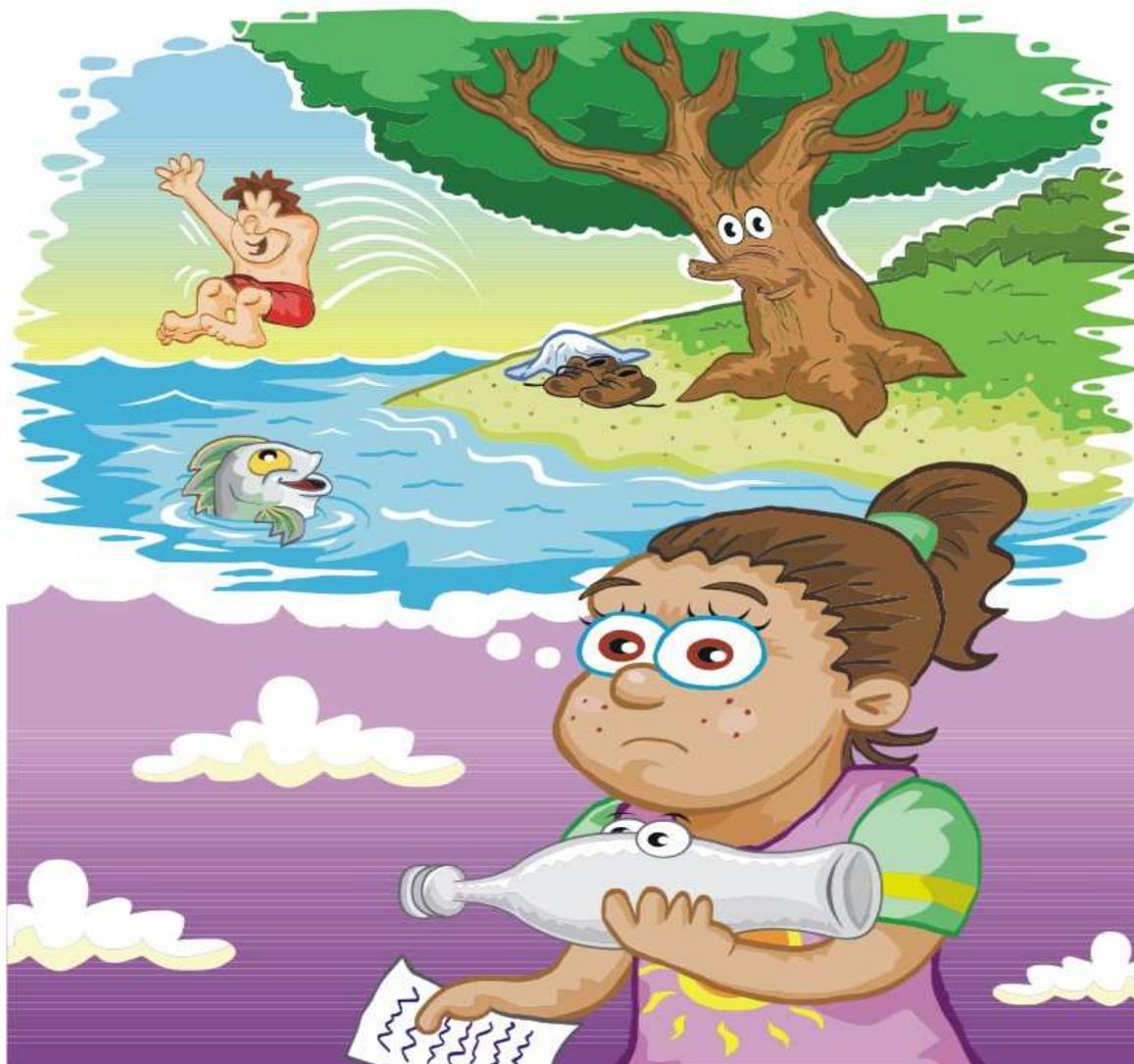
- Os Aguapés são um tipo de vegetação aquática muito comum em rios e lagos poluídos.

- Os Aguapés funcionam como uma espécie de termômetro: quanto mais Aguapés, mais suja está a água.

- Os Aguapés ajudam a filtrar a água assim como as árvores ajudam a filtrar o ar.

Depois de tanto tempo vendo aquele lago  
Cheio de lixo de tudo quanto é tamanho,  
A menina já tinha até esquecido que antes  
As pessoas iam ali tomar banho!

A menina então lembrou que somos todos irmãos:  
Cada pessoa, cada planta e cada bicho...  
Viu que somos todos filhos do mesmo planeta,  
Mas que só o Homem é pai do lixo.



#### VOCÊ SABIA?

- A água que chega na sua casa vem do lago Guaíba, que hoje está poluído.

- Para poder ser consumida, a água precisa antes passar por um rigoroso tratamento que a torna potável.

- Depois que a água tratada é usada, ela passa a ser chamada de esgoto cloacal.

- O esgoto cloacal também tem que ser tratado, para só então ser devolvido em forma de água limpa ao Guaíba.

A menina não podia mais aceitar  
Ver a natureza tão maltratada  
Enquanto o homem que fez a sujeira  
Fingia não estar acontecendo nada!

Por isso a menina resolveu ouvir o peixinho  
E agir diferente de como o Homem estava agindo:  
Ela passou a separar e cuidar do seu lixo  
Ao invés de deixá-lo poluindo!



#### VOCÊ SABIA?

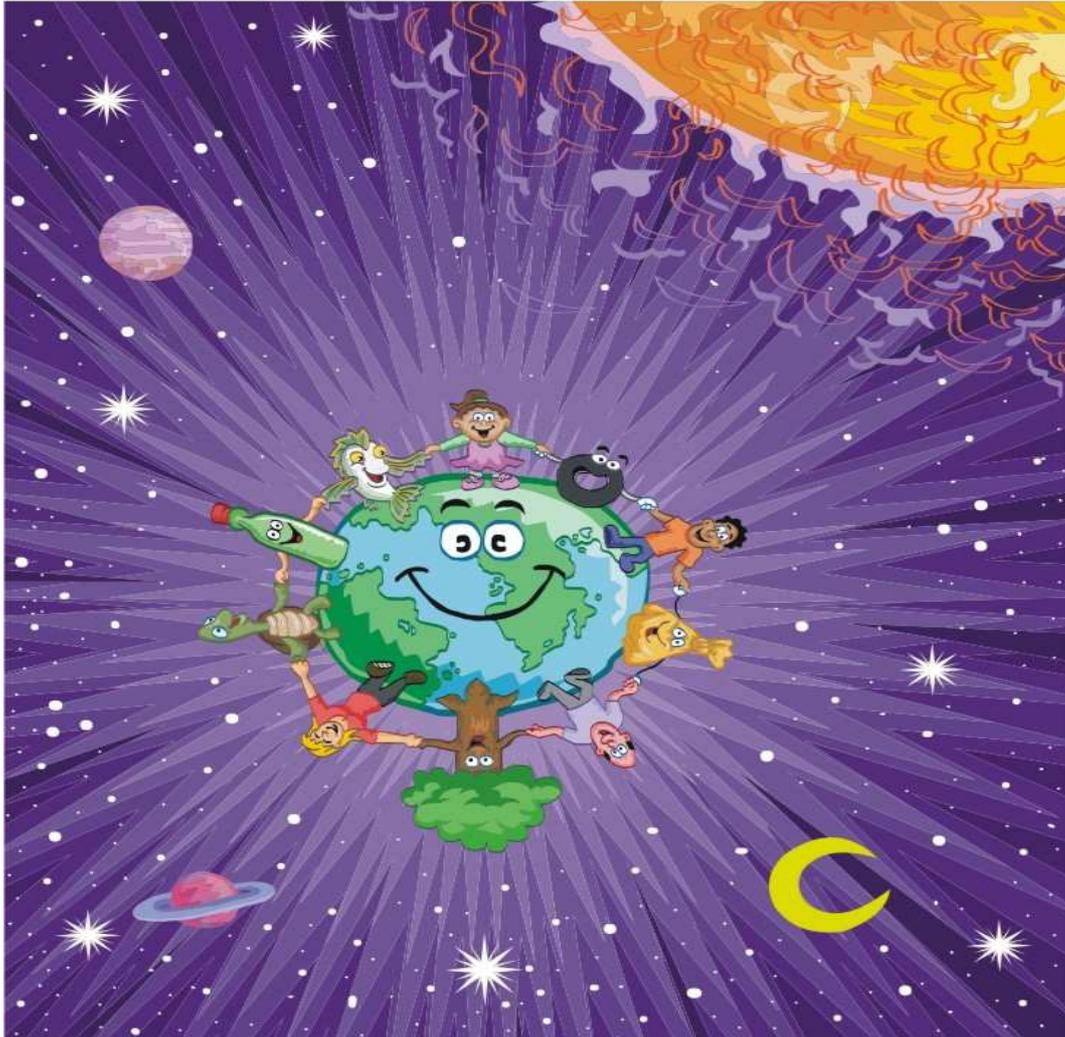
- Mais de 1 bilhão de pessoas não tem acesso à água potável e cerca de 2,6 bilhões não tem acesso ao saneamento básico. Atualmente 11 países da África e 9 do Oriente Médio já não têm água.

- Cada porto-alegrense gasta em média 150 - 240 litros de água por dia, enquanto que em algumas regiões da África o gasto é de apenas 15 litros por dia.

- A ONU estima que até 2025, se o consumo não for racionalizado, dois terços da população mundial terá dificuldades de acesso à água

Hoje, além de cuidar do lixo, a menina  
Tenta convencer outras pessoas também  
A enxergarem o nosso planeta  
Como a primeira família que a gente tem!

Só quando o lixo estiver no lugar certo  
É que todo mundo vai ficar bem:  
Cuidando do lixo, você cuida do Guaíba,  
Do peixinho Alan Bari e de si mesmo também!



### VOCÊ SABIA?

- Existe uma forma simples de cuidar do lixo e, assim, cuidar também do planeta: os 3 R. **Reciclar, reutilizar e reduzir.**

#### **Reciclar:**

Separe sempre o lixo que você fizer:

**Lixo seco** é todo lixo produzido pela mão humana, que é perigoso porque leva mais tempo para se decompor. Ex: papel (6 meses), plástico (100 anos), vidro (1 milhão de anos), etc. Em compensação, o lixo seco é do tipo que pode ser reciclado. A cada 50Kg de papel reciclado, uma árvore deixa de ser cortada!

**Lixo orgânico** é toda sobra de algo que, um dia, teve vida (Ex: restos de comida derivados de plantas ou animais). O lixo orgânico às vezes é perigoso porque pode transmitir doenças. (Ex: através de fezes, carne estragada, etc). Por outro lado, como o lixo orgânico é natural, pode ser usado como adubo.

#### **Reutilizar:**

Reutilizar é uma forma de evitar que vá para o lixo aquilo que não é lixo. É ser criativo, inovador; usar um produto de várias maneiras. Veja alguns exemplos:

Doe o que ainda pode ser usado por outras pessoas para brechós e instituições de caridade: roupas, sapatos, móveis, bijoutenas, brinquedos, CDs, DVDs.

Aproveite tudo o que puder dos alimentos, economizando também nas quantidades. Talos, cascas e folhas de frutas, verduras e legumes são altamente nutritivos e, com um pouco de criatividade, podem ser transformados em pratos saborosos.

#### **Reduzir:**

Reduzir significa economizar de todas as formas possíveis. Num sociedade onde quase todas as embalagens são descartáveis, é preciso repensar nas diversas maneiras de se combater o desperdício. Adote estas dicas:

Procure sempre produtos mais duráveis;

Controle o uso da água: não deixe a torneira aberta enquanto escova os dentes, passa o shampu ou ensaboa a louça. Abrir e fechar várias vezes é melhor do que deixar a água correr sem necessidade;

Desligue a TV e apague a luz quando sair;

Dispense os sacos plásticos.

## 5- Conclusão

A educação ambiental e as artes são áreas cujos saberes se cruzam inter e transdisciplinarmente, o que permite abordar os mais variados tipos de conhecimentos sob as mais variadas formas. A afinidade entre ambas as áreas – o olhar humano focado sobre si e relacionado com o mundo - não apenas justifica como também inspirou a obra *Alan Bari e os cuidados com o Lixo*. Cada palavra foi criada em cima do que era conversado durante os dois anos trabalhando com educação ambiental no estágio no DMAE. Tudo que de alguma forma causava repercussão nas oficinas e que me permitia tocar em assuntos que achava importante, tentei compilar nesta obra. A história parte da premissa básica de que o Lixo não é nenhum vilão, de que a responsabilidade sobre o lixo é única e exclusivamente do ser humano, representado na obra pelo Homem. Ao mesmo tempo em que o Homem é mostrado como culpado, a Menina aparece como contraponto, indicando que a possibilidade de reverter essa situação também está no ser humano, numa franca tentativa de não parecer otimista nem pessimista demais, apenas responsável.

Dentro de todo o contexto que tentei deixar claro nas páginas anteriores, esta obra representa - ao menos para a minha trajetória - aquilo que Paulo Freire chamou de “inédito-viável”, conceito resumido assim por sua companheira, Ana Maria Araújo Freire:

O "inédito-viável" é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada. Quando se torna um "percebido destacado" pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade.  
(FREIRE, 2010)

Obviamente que a escolha de aliar a linguagem visual à educação ambiental não é nenhuma novidade, e também não faço segredo nenhum de que a oportunidade de fazer este trabalho assim foi uma satisfação enorme para mim, antes de qualquer outra pessoa. Mas também acredito que, em tempos como os nossos, onde a mídia e as novas tecnologias trazem e levam informações em velocidades antes inimagináveis - fazendo o quadro-negro parecer, aos olhos da juventude, mais ultrapassado do que nunca – qualquer possibilidade de oferecer um recurso visual a mais para auxiliar no planejamento em sala de aula será

sempre bem-vinda. Neste sentido, a história de *Alan Bari e os cuidados com o Lixo* pode ser entendida como uma sugestão de abordagem para o professor explorar alguns temas da educação ambiental com seus alunos, planejada mais para ser dialogada do que lida. Por isso não foi uma obra pensada para ser distribuída diretamente às crianças, mas sim aos professores. O tamanho privilegiado (38 cm de altura x 28 cm de largura) e o uso de espirais foram pensados justamente para valorizar a visualização dos desenhos mesmo a uma distância relativamente mais longa, independente de o aluno estar sentado mais para frente ou para trás na sala de aula. A escolha de fazer a obra com textos curtos, em linguagem rimada e coloquial e com poucas páginas também foi pensada na tentativa de tornar a leitura/conversa menos pesada e mais fluída possível.

Lembrando que

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, [...] já que (todo texto) conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso [...] (LÉVY, 1993, p.73)

O espaço “*Você Sabia?*”, localizado abaixo de cada página de versos, são como notas de rodapé, servindo como *hipertexto* com a função de ligar o mais explicitamente possível a história de *Alan Bari* aos conteúdos que guiavam as oficinas de educação ambiental. Se na criação da obra o que ficou evidenciado de forma mais flagrante foi a experiência como artista, é através das notas de rodapé que pretendo que a experiência como professor se evidencie. Essas notas podem ser entendidas tanto como escritura quanto como leitura do meu trabalho realizado com educação ambiental.

O prazo para a finalização deste trabalho de conclusão não permitiu alguns ajustes e aperfeiçoamentos que, para fins de possível publicação, serão certamente realizados, mas que, neste tempo exíguo, sequer tive como mensurá-los ainda.

## 6- REFERÊNCIAS:

MENEGAT, Rualdo (Coord.). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

FAZENDA, Ivani. Olhar. In: **Dicionário em construção**: Interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos** (ou como filosofar com o martelo). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo** – Como cheguei a ser o que sou. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal** – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Martin Claret, 2004.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Reinventando Paulo Freire**: o inédito-viável. Disponível em [http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/paulo\\_freire\\_hoje/04\\_pf\\_hoje\\_reinventando\\_pf.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/paulo_freire_hoje/04_pf_hoje_reinventando_pf.html)  
Acesso em 1 de abr 2010.

QUINTANA, Mario, **Poesia Completa**- volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

RANGEL, Annamaria Píffero. **Alfabetizar aos 6 anos**. Porto Alegre: editora mediação, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

**WAKING LIFE**. Direção: Richard Linklater. EUA, FOX: 2001. Filme.

CUNHA, Suzana Rangel Viera da. **As imagens na Educação Infantil**: Uma abordagem a partir da Cultura Visual. Disponível em [http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=738:-as-imagens-na-educacao-infantil-uma-abordagem-a-partir-da-cultura-visual&catid=52:arte-educacao&Itemid=110](http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=738:-as-imagens-na-educacao-infantil-uma-abordagem-a-partir-da-cultura-visual&catid=52:arte-educacao&Itemid=110)  
Acesso em 1 de abr 2010.